

www.geografia.ufpr.br/raega/

ISSN: 2177-2738

O ESPAÇO GEOGRÁFICO EM ANÁLISE

GEOGRAFIA DA RELIGIÃO: UM OLHAR PANORÂMICO GEOGRAPHY OF RELIGION: A PANORAMIC VIEW

Clevisson Junior Pereira¹

RESUMO

A Geografia da Religião não é uma área nova nos estudos sobre religião. Suas primeiras formulações nos remetem aos antigos pensadores gregos, porém seu período formativo se deu no medievo com várias obras teológicas. Mas sem dúvida, é na modernidade, principalmente no século XX, que este campo de pesquisa geográfica se consolida. Vários paradigmas e teóricos contribuíram e vem contribuindo para sua formação. Os contextos (norte)americano e europeu são elucidativos para entendermos como trabalhos característicos dessa subdisciplina se desenvolvem. A dinâmica brasileira, peculiar, refletida em seus dois principais vieses, sinteticamente demonstra como vem ocorrendo a Geografia da Religião no Brasil. Procurando desenvolver ao menos minimamente estas premissas é que propomos pelo presente uma perspectiva do que pode ser a tal "Geografia da Religião".

Palavras-Chave: Geografia, Religião, Geografia da Religião.

ABSTRACT

The Geography of Religion isn't a new area in the studies about religion. Its firsts formulates conduct us toward ancient Greek thinkers, however its formative period happened in the Middle Age with many theological works. But certainly, is in Modern Age, chiefly in the Twenty Century, which this field of geographical research consolidates itself. Various paradigms and theoreticians

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Bolsista CAPES/ Programa REUNI de Assistência ao Ensino, Curitiba, Paraná, Brasil. <u>clevisson@ufpr.br</u>.

contributed and keep contributing for its formation. The North American and European contexts are elucidates to understand how works belonged to this sub-discipline develops itself. The Brazilian dynamics, differential one, reflected in its two principal biases, synthetically show how the Geography of Religion is happening in Brazil. Searching to develop these statements at least, we propose in this work a perspective about what can be the called "Geography of Religion".

Keywords: Geography, Religion, Geography of Religion.

INTRODUÇÃO

A Geografia da Religião apesar de ser posta em evidência no cenário acadêmico apenas nos últimos anos, não é uma área nova nos estudos sobre religião. Suas primeiras formulações nos remetem às diversas cosmologias e protociência expostas pelos antigos pensadores gregos; porém, como a história nos revela, seu período formativo – e provavelmente o mais fértil – se deu no medievo através de várias obras teológicas. Mas sem dúvida, é na modernidade, principalmente no século XX, que este campo de pesquisa geográfica se consolida – ou ao menos começa a deixar transparecer uma maior coerência acadêmico-científica, por vezes temática, teórica ou metodológica.

Vários paradigmas e teóricos contribuíram e vem contribuindo para a formação de uma Geografia da Religião integrativa e não monolítica. Por este prisma vale a pena observar, ainda que superficialmente, os contextos (norte)americano e europeu; pois são elucidativos para entendermos como trabalhos na perspectiva dessa subdisciplina se desenvolvem tomando características próprias.

A dinâmica brasileira, peculiar, e já com um bom trajeto de pesquisa dentro dessa área, se constrói especialmente refletida em dois principais vieses: um que aborda o fenômeno religioso partindo sobretudo das dimensões objetivas; e outro que procura partir das estruturas estruturantes do fenômeno, nesse sentido aborda dimensões mais subjetivas. Apesar de já haverem iniciativas para formação de um possível "terceiro viés" – através de alguns

estudos da Ciência da Religião e da Teologia – panoramicamente são estes dois vieses que demonstram como vem ocorrendo a Geografia da Religião no Brasil.

Nosso objetivo no presente trabalho é proporcionar uma perspectiva de como a "Geografia da Religião" – ou o saber geográfico sobre religião – pavimentou seu trajeto até vir a ser "reconhecida" como um campo do saber válido. Ainda que nosso ponto de vista seja parcial e extremamente limitado, o que queremos, na verdade, é apenas evidenciar alguns dos meandros por onde este saber passou; e assim, minimamente perceber que Geografia da Religião não é um "modismo contemporâneo", mas sim um vigoroso meio por onde podemos construir conhecimento acerca do fenômeno religioso e da dinâmica espacial humana.

Assim, partindo destas premissas, ofereceremos um panorama e contextualização da Geografia da Religião. Porém antes de iniciarmos nossa jornada, cabe a nós prover uma mínima compreensão das possíveis relações entre Geografia e Religião. Nesse sentido, principiamos nossa exposição comentando algumas destas "possíveis relações"; com isso queremos, sobretudo, arrazoar o que almejamos ser o papel principal da Geografia da Religião.

GEOGRAFIA E RELIGIÃO, primeiras aproximações

Religião e Geografia podem ser compreendidos como saberes humanos distintos, mas com muitas relações. São duas formas de (re)ação no espaço: a religião normatiza alguns procedimentos dos homens em relação ao espaço; e, por sua vez, o conhecimento geográfico proporciona capacidades estratégicas de atuação no espaço. Os espaços de ação de ambas são os sociais, culturais, políticos, econômicos, etc. Vemos, assim, que essas duas formas de conhecimento atuam nas várias dimensões que circundam a vida comum do ser humano.

Lily Kong (1990) ao iniciar seu trabalho *Geography and Religion* cita Glacken (1967) a fim de nos mostrar quão imbricado, em termos religiosos e geográficos, estão as questões cruciais da curiosidade humana:

In ancient and modern times alike, theology and geography have often been closely related studies because they meet at crucial points of human curiosity. If we seek after the nature of God, we must consider the nature of man (sic) and the earth, and if we look at the earth, questions of divine purpose in its creation and of the role of mankind (sic) on it inevitably arise. (p.355).²

Deste modo, as ações humanas sobre o espaço, a fim de o entender, refletem um modo de pensar que, no caso da citação acima, remete às questões religiosas que buscam um sentido para este mundo: o "propósito divino". Da mesma forma, as ações religiosas compartilham de questões geográficas, como as maneiras e estratégias de dispersão de sua fé ou as territorialidades exercidas por certas Instituições (GIL FILHO, 2006).

Assim, a relação entre Geografia e Religião é viva e visível. Sabendo que o ser humano age atribuindo significações sobre o seu espaço, é possível vislumbrar pela perspectiva da Geografia Humana, ou melhor, da Geografia da Religião, uma busca por aprofundar compreensões do fenômeno religioso – procurando apreender os processos religiosos na dinâmica espacial humana (HENKEL, 2005, p.12).

O homem no seu processo de adaptação com o meio marca a terra a partir de seu pensamento atribuindo sentido às realidades naturais e sobrenaturais. Deste modo o homo faber sapiens torna-se o homo religiosus. Em razão deste aspecto é necessário que uma parte da Geografia Humana estude o homem sob à influência da religião, ou seja, uma Geografia das Religiões. (GIL FILHO, 2007, p.208).

_

² "Nos tempos antigos e modernos, analogamente, teologia e geografia têm tido, em geral, estudos intimamente relacionados porque convergem em pontos cruciais da curiosidade humana. Se nós buscamos a natureza de Deus, devemos considerar a natureza do homem e da terra, e se olharmos a terra, questões do propósito divino em sua criação e do papel da humanidade inevitavelmente nascerão" (Tradução nossa).

www.geografia.ufpr.br/raega/ ISSN: 2177-2738

Tentando especificar um pouco mais a ideia de "religião"³, para envolvê-la nas discussões geográficas, se faz importante considerá-la "como o conjunto das atitudes e atos pelos quais o homem se prende e se liga ao divino ou manifesta sua dependência em relação a seres invisíveis tidos como sobrenaturais" (MARCHI, 2005, p.47). O filósofo alemão Ernst Cassirer (1874-1945) ao citar Schleiermacher, uma das grandes influências teológicas do seu tempo, mostra-nos também que "a religião surgiu do 'sentimento de absoluta dependência do homem em relação ao Divino'" (1994, p.152). Essa dependência ao Divino pode ser vista como a dependência de algo que garanta ao homem segurança e confiança — a fim de superar os ditames da vida; levando-o a assumir determinados procedimentos para sua realização. A religião, que também não se caracteriza somente por uma dependência humana em relação a forças superiores, cumpre desde os primórdios uma função filosófica, pragmática e social (CASSIRER, 1994, p.156).

Sob o viés de Cassirer (1994), o homem tem a capacidade, ou dependência, de viver em um universo simbólico — que vai além de suas materialidades e racionalidades⁴. Ou seja, o homem não vive num universo meramente físico, ele vive numa dimensão em que a arte, a religião, a ciência e a linguagem são partes de um complexo emaranhado da experiência humana; formando, ou articulando, o seu universo simbólico: "Na linguagem, na religião, na arte e na ciência, o homem não pode fazer mais que construir seu próprio universo — um universo simbólico que lhe permite entender e interpretar, articular e organizar, sintetizar e universalizar sua experiência humana". (CASSIRER, 1994, p.359).

⁻

³ Para uma contextualização maior, e dentro das discussões da Ciência da Religião, é importante atentar também para as considerações de Usarski (2006) sobre a noção de religião. O referido autor adverte que não é adequado pensar em uma definição fechada do termo, pois o fenômeno religioso tem se manifestado na história com inúmeras diversificações e diferenças múltiplas. Considerando isso o autor divide o conceito de religião em quatro elementos: "*Primeiro*, religiões constituem *sistemas simbólicos* com plausibilidades próprias. *Segundo*, do ponto de vista de um indivíduo religioso, a religião caracterizase como a afirmação subjetiva de que existe algo transcendental, algo extra-empírico, algo maior, mais fundamentalmente ou mais poderoso do que a esfera que nos é imediatamente acessível através do instrumentário sensorial humano. *Terceiro*, religiões se compõem de várias dimensões: particularmente temos de pensar na dimensão da fé, na dimensão institucional, na dimensão ritualista, na dimensão da experiência religiosa e na dimensão ética. *Quarto*, religiões cumprem *funções individuais* e *sociais*." (USARSKI, 2006, p.125-126).

⁴ Tal assertiva, segundo o autor, traz uma nova perspectiva para a concepção de ser humano; ao invés da tradicional noção iluminista *animal rationale*, Cassirer advoga que a principal e inexplorada característica do ser humano é a sua dimensão simbólica, levando-o a considerar o ser humano como um ser simbólico; ou nas suas próprias palavras: *animal symbolicum* (CASSIRER, 1994, p. 50).

Nesta perspectiva o referido autor entende a religião como sistema simbólico; capaz de construir significados a partir das impressões percebidas na vivência – gerando mundos simbólicos religiosos. Tais mundos – de significados – orientam a ação dos indivíduos como também do grupamento religioso. Assim, embora a religião possa ser uma dinâmica expressa pelo sentimento de dependência, como nos diz Marchi (2005, p.47) e Schleiermacher (apud CASSIRER, 1994, p.152), é na apreensão de Cassirer que encontramos uma compreensão abrangente o suficiente para abarcar tanto as dinâmicas imateriais – a exemplo da dependência – como as dinâmicas materiais expressas no agir social do grupo; sem ao mesmo tempo deixar de privilegiar a construção de sentido do fenômeno religioso.

Com base nesta compreensão de religião, a partir de Cassirer, podemos inferir seu grande potencial geográfico-social e filosófico. Nestes termos a religião apareceria como uma forma de conhecimento (entendimento simbólico) que gera ação (re)construindo е (re)significando mundo/ambiente geográfico através das experiências do homem religioso nas dimensões física e simbólico-ideal: "Religion, as a symbolic form in all its variations, is closely linked to the construction of the world. It participates directly in the formation of social relations and the reproduction of social knowledge via a symbolic understanding of the geographical environment." (SAHR, 2001, p.57).⁵

Por uma Geografia da Religião para além das formas aparentes

Ao saber que a religião, além de construir um mundo de significados, provoca ações no espaço, a tendência do geógrafo é enquadrar o fenômeno religioso em dimensões puramente locacionais, funcionais e empíricas; porém, existem dimensões tão peculiares à dinâmica religiosa, como crenças em uma realidade "sobrenatural", que não se expressam claramente no espaço

_

⁵ "Religião, como uma forma simbólica em todas suas variações, está intimamente ligada com a construção do mundo. Participando diretamente da formação das relações sociais e da reprodução do conhecimento social via um entendimento simbólico do ambiente geográfico" (Tradução nossa).

geográfico material, e que, justamente por isso, são difíceis de serem fixadas locacionalmente; mas que fazem todo o sentido para a vivência do fenômeno religioso. Uma abordagem geográfica que desconsidere tais profundas dimensões – ambicionando somente enquadramentos locacionais e funcionais – certamente tenderá a um juízo extremamente parcial. Pois como já nos alertava Chris Park (1994):

a geography that ignores what we might call 'the supernatural' neglects some of the most deeply rooted triggers of human behavior and attitudes, is blind to some critical dimensions of humanity and overlooks some profoundly significant implications of geographical patterns of human activity and behavior. (PARK, 1994, p.01-02)⁶.

Se notoriamente tal fenômeno (religioso) está além de suas implicações espaciais imediatas (GIL FILHO, 2004, p.253), a assertiva geográfica não deve conter-se somente nos limites materiais das feições espaciais. Nesse sentido, cabe a uma Geografia da Religião, que vasculhe além das formas aparentes, uma análise mais profunda do fenômeno religioso; considerando também as dimensões não visíveis do devir humano e aqueles aspectos mais íntimos da experiência religiosa.

Porém, para as análises e estudos envolvendo Geografia e Religião, e esta agência intelectual ser reconhecida enquanto campo do saber, vários pensadores, sábios, estudiosos, intelectuais, religiosos, e em diferentes tempos históricos e contextos sociais, foram aos poucos formulando um "corpus" temático e teórico. Isto além de proporcionar certa coerência investigativa, permitiu a constituição de um conhecimento válido dentro dos parâmetros acadêmicos – o que hoje podemos chamar de: Geografia da Religião.

-

⁶ "Uma geografia que ignora o que podemos chamar de "o sobrenatural" negligencia algo dos estímulos mais profundamente enraizados do comportamento e atitudes humanas, está cego para algumas dimensões críticas da humanidade e desconsidera algumas implicações profundamente significantes dos padrões geográficos de atividades e comportamentos humanos" (Tradução nossa).

GEOGRAFIA DA RELIGIÃO, panorama e contextualização

A fim de contextualizar como se deram alguns desdobramentos dos estudos geográficos sobre a religião, pretendemos resgatar, através de alguns estudiosos, como o pensamento religioso, o raciocínio geográfico e a intenção de compreender o mundo estiveram por muito tempo intimamente ligados. Suas ligações certamente formaram a base para estudos subsequentes – numa transição entre herança religiosa e ares da razão científica iluminista – que gestaram o que viríamos a chamar de Geografia da Religião.

www.geografia.ufpr.br/raega/

ISSN: 2177-2738

O percurso traçado pela Geografia da Religião por vezes se confunde com o próprio caminho epistemológico da ciência Geografia. Na maioria das vezes os estudos geográficos, sobre a(s) religião(ões), se balizavam pelas tendências do momento; apesar da temática religião ser relegada algumas vezes como objeto secundário, ela sempre esteve presente nas abordagens da Geografia.

Protogeografia da religião, Antiguidade e Medievo⁷

A Geografia, ou melhor, estudos de cunho geográfico, antes da fase moderna já se faziam presentes em trabalhos vinculados à religião: na antiguidade com alguns pensadores gregos (KONG, 1990, p.355); com o despontar da geografia árabe e muçulmana, ainda no primeiro milênio da era cristã; com escolas monásticas célticas na alta Idade Média (PARK, 1994, p.08); e, principalmente no final da era medieval com vários teólogos (BÜTTNER, 1977).

Na antiguidade clássica o que vemos é muito mais uma Geografia Religiosa do que uma Geografia da Religião;⁸ pois que, explicitamente

⁷ As nomenclaturas temporais – Antiguidade, Medievo e Modernidade – que estamos utilizando aqui e nas sessões à frente, servem apenas para ilustrar alguns dos contextos históricos por nós retratados; não as adotamos como marcas temporais inflexíveis, servem apenas como parâmetros mínimos de compreensão.

⁸ Conforme veremos nos parágrafos a seguir, alguns momentos da Geografia da Religião ficaram marcados por vieses característicos – como mesma temática, paradigma específico ou ainda estilo de

incorpora ideais religiosos. Isaac (1965) e Gay (1971) nos mostram como geógrafos da Grécia antiga, nos seus modelos cosmológicos, mapas e diagramas do mundo, refletiam sua visão de mundo; que era, na verdade, moldada pela religião (apud KONG, 1990, p.356). Tais questões, vinculando geografia e cosmologia na mente de pessoas religiosas, impuseram-se como cerne de uma primitiva geografia; e neste sentido como assevera Kong: "uma geografia que incorporou ideias religiosas era evidente desde tempos remotos" (1990, p.356).

O pensamento Ocidental na Idade média, influenciado grandemente pela religião Cristã, trouxe em seu bojo alguns estudos geográficos sobre a religião. Embora tentasse se desvincular de uma abordagem mais religiosa, os estudos eram substancialmente produzidos por teólogos e consequentemente carregavam reflexões religiosas. Segundo Manfred Büttner:

Durante esa época prácticamente todos los geógrafos eran realmente teólogos. Sus pensamientos estaban centrados en aspectos teológicos. De aquí que cualquier cambio en su pensamiento teológico diera origen a cambios del pensamiento geográfico. En otras palabras: como los geógrafos de esa época tenían que ver con una Geografía que estaba teológicamente orientada, las diferentes posiciones teológicas tenían que conducir a distintas concepciones geográficas. (BÜTTNER, 1977)⁹.

Neste momento o pensamento teológico direcionava os estudos geográficos. ¹⁰ Por vários motivos, entre católicos e protestantes, se fazia uma geografia com fins religiosos. Porém era nítida certa busca pela conciliação da realidade físico-natural com os preceitos bíblicos. Embora tais reflexões geográficas priorizassem a legitimação da religião dominante (Cristã) e por isso

abordagem. Como referência nos valemos da proposta de Rinchede (1999, apud GIL FILHO, 2007, p.209-210) sobre as fases do desenvolvimento deste subcampo geográfico; embora utilizando somente algumas destas fases, apenas como exemplificação.

⁹ "Durante esta época praticamente todos os geógrafos eram realmente teólogos. Seus pensamentos

⁹ "Durante esta época praticamente todos os geógrafos eram realmente teólogos. Seus pensamentos estavam centrados em aspectos teológicos. Assim, qualquer mudança em seu pensamento teológico dera origem a mudanças no pensamento geográfico. Em outras palavras: como os geógrafos dessa época tinham haver com uma Geografia que estava teologicamente orientada, as diferentes posições teológicas tinham que conduzir a distintas concepções geográficas" (Tradução nossa).

Segundo Park (1994) nesta época, principalmente os séculos XVI e XVII, foi tão fértil e vasta a produção de trabalhos sobre geografia e religião, que o autor denominou o período de "Golden Age" (Era Dourada) da Geografia da Religião. Com tão profundas contribuições, sem dúvida, este momento fora o período formativo para o campo; por conta disso, ainda hoje é possível traçar as bases originárias de muitos estudos atualmente desenvolvidos. Porém, "a vitalidade dos estudos geográficos nesta era nunca mais fora recapturada ou reacendida". (PARK, 1994, p.14, trad. nossa).

eram envolvidas em raciocínios teológicos, já conduziam a iniciativas de investigações empíricas – que seriam fundamentais para a organização da Geografia Moderna (BÜTTNER, 1977).

Geografia da Religião na Modernidade

Nos períodos finais da Idade Média e início da Moderna, os estudos geográficos orientados teologicamente começavam a dar margem a uma Geografia Eclesiástica (KONG, 1990, p.357; PARK, 2004, p.09); que principalmente buscava mapear o espaço cristão no mundo – visando sua organização – e descrever a influência de outras religiões – a fim de auxiliar nas ações missionárias do próprio cristianismo – (USARSKI, 2007, p.178). Embora esta Geografia Eclesiástica se voltasse para a dinâmica espacial das religiões no mundo, seus interesses eram evidentemente de uma religião específica, a Cristã.

Concomitantemente à Geografia Eclesiástica, emerge também uma Geografia Bíblica, ou Geografia Histórica dos tempos Bíblicos¹¹. Esta, através da dinâmica arqueológica, buscava identificar regiões, nomes e determinar lugares que a Bíblia faz referência; o que evidenciava novamente o poder de influência da Igreja Cristã (ISAAC, 1965, apud KONG, 1990, p.357).

A partir do século XVII, em meio aos descobrimentos recentes do "novo mundo", se fortalece a abordagem paradigmática da Escola Físico-teológica; que vinculava fortemente o pensamento religioso às análises geográficas (USARSKI, 2007, p.177). Tal tendência, já antecipada na Antiguidade e na Idade Média, buscava nos fenômenos ambientais uma relação com o divino; mostrando que a Terra e toda sua geografia é fruto, não do acaso, mas sim, da sabedoria de Deus – por isso propicia a vida (GLACKEN, 1959, apud KONG, 1990). A expressão dessa linha de pensamento foi forte o suficiente para influenciar inclusive um dos principais pensadores do início da Geografia

-

¹¹ Esta temática ainda hoje resguarda uma grande quantidade de apreciadores, principalmente dentro da comunidade religiosa cristã, como por exemplo: Andrade (2006); Money (2002); Ronis (1994).

moderna, Carl Ritter (1779-1859); que foi na Alemanha o primeiro professor catedrático em Geografia. Segundo Usarski (2007, p.177), Ritter pode afirmar com naturalidade que vislumbrar o "plano divino" na dinâmica da Terra, era o objetivo de sua disciplina; enfatizando a força da "físico-teologia" naquele contexto.

Juntamente com o desenvolvimento da Escola Físico-teológica, esboçando seus primeiros passos nos séculos XVIII e XIX, surgiu a tendência do que podemos chamar de protodeterminismo geográfico; que procurava salientar a capacidade do ambiente em determinar algumas religiões.

Geografia da Religião do século XX, início das discussões atuais

Dentro da dinâmica geográfica, ainda antes de sua constituição como ciência moderna, um dos movimentos mais marcantes foi sua ruptura com a teologia, promovida em parte pelo Iluminismo. Esse fato significou um grande salto epistemológico, principalmente quando o objeto de pesquisa se tratava da religião. Porém, não somente essa ruptura fora suficiente para elevar o status acadêmico da geografia da religião, mas grandes esforços intelectuais também foram necessários desde a abertura da primeira cátedra de Geografia na Universidade de Sorbonne, em 1809, "até que a geografia da religião chegasse a um nível digno de um empreendimento intelectual submetido ao rigor acadêmico moderno" (USARSKI, 2007, p.178). Embora já nos "fundadores" da Geografia moderna — Humboldt e Ritter, como também em Ratzel e La Blache — se encontrasse menção a religião, esta não era tratada de maneira substancial; não chegando a se constituir em uma Geografia da(s) Religião(ões), propriamente. Apenas em décadas posteriores ela começaria a ser visualizada como detentora de um "rigor acadêmico moderno".

A virada do século XIX para o XX, nas ciências em geral, mas principalmente na Geografia, foi marcada com uma forte tendência geodeterminista; que direcionou também as análises no campo da Geografia sobre os estudos da Religião. Nesse sentido, mostrava as religiões, e suas

www.geografia.ufpr.br/raega/ ISSN: 2177-2738

práticas, como fruto do ambiente, ou determinada por este – como nos estudos de Ellen Semple (1911) e de Ellsworth Huntington (1945) (apud KONG, 1990, p.357). Apesar deste paradigma específico, que não perdurou nas décadas seguintes, pode-se observar a constituição de uma Geografia das Religiões – que era orientada aos estudos sobre determinadas religiões e seus ambientes; mas que não tentava *geografizar* a religião tomada no singular.

Porém é no século XX que vemos a Geografia da Religião 12 surgir como uma subdisciplina da Geografia Humana clássica; e que evidenciava a religião como produto da prática humana e resultado material (paisagem) da cultura religiosa (GIL FILHO, 2007, p.207).

Com relação à formação da Geografia da Religião, Usarski (2007, p.178-179) enuncia três tarefas como "clássicas" na abordagem desta subdisciplina; estas tarefas, também vistas como teorias: *da divulgação*, *da dependência do ambiente*, e *da modulação do ambiente*, foram imprescindíveis na constituição de um "*corpus*" temático e teórico. A "teoria da divulgação" remete às elaborações da "geografia bíblica" e "geografia de missão" – fortemente influenciados por uma teologia cristã. A "teoria da dependência do ambiente", constituída na primeira fase da geografia moderna, valeu-se do *geodeterminismo* – apregoando uma influência determinante do ambiente na dinâmica religiosa. Já a "teoria da modulação do ambiente", fortemente defendida no período entre as duas guerras mundiais, buscava demonstrar os efeitos causados por religiões nos seus respectivos territórios (USARSKI, 2007, p.180).

Uma caracterização semelhante é oferecida por Kong (1990) à Geografia da Religião no decorrer do século XX; em que a caracteriza por um ciclo dialético – tese-antítese-síntese; em que a "tese" é mostrada como a religião determinada pelo ambiente; a "antítese" seria a influência da religião no mundo; e, a "síntese" como sendo a recíproca rede de relações entre religião e o ambiente (KONG, 1990, p.358-359).

-

¹² Embora para alguns especialistas especificamente o termo "geografia da religião" tenha sido usado pela primeira vez em 1795, pelo geógrafo e pastor luterano Gottlieb Kasche em seu livro "*Ideas about Religious Geography*", escrito e publicado em alemão (BUTTNER, 1987, apud PARK,1994, p.10; USARSKI, 2007, p.177), é no referido século que esta denominação ganha força e abrangência.

A ciência geográfica moderna, através de uma concepção mais humana, potencializou o surgimento de abordagens que se ativessem às variáveis que ligam o fenômeno religioso ao espaço geográfico. Um dos primeiros impulsos nessa perspectiva foi evidenciado no texto de Paul Fickeler "Questões Fundamentais na Geografia da Religião", publicado originalmente na Alemanha em 1947, em que o autor sugere análises geográficas voltadas às práticas da religião:

Se toda religião possui um lado que aborda a conduta pessoal (ético) e um lado que trata da adoração (cerimonial) – um aspecto interno e um externo, que podem ser contrastados, segundo Kant, como a 'Igreja visível' e a 'Igreja invisível' – então a geografia da religião trata acima de tudo da religião cerimonial, devendo lidar com as idéias cerimoniais de mais importante expressão geográfica. (FICKELER, 2008, p.08).

Nestes dizeres o referido autor direciona os estudos, de uma geografia da religião, para a dinâmica e lócus cerimonial – ao aspecto externo da religião. O cerne desta abordagem se mostra intimamente ligado a uma concepção de Geografia (Cultural) Tradicional; porém já esboçando novas tendências. Nesse sentido, a relação do fenômeno religioso com as diretrizes geográficas se estabelece no espaço – determinado local – onde as evidências cerimoniais se mostram visivelmente/externamente, uma cultura (material) manifestadamente religiosa.

Em 1948 o geógrafo francês Pierre Deffontaines, em seu livro *Géographie et Religions*, nos mostra a grande influência paisagística que a cultura religiosa pode proporcionar; analisando igrejas, cemitérios, e outras representações religiosas concretas que evidenciam as relações culturais.

Pierre Deffontaines aborda a geografia religiosa através das marcas que esta imprime nas paisagens (igrejas, mesquitas, santuários, templos, cruz etc.) pelos obstáculos que ela impõe a certos gêneros de vida (obrigação do jejum na sexta-feira, interdição do álcool e do consumo de carne de porco, por exemplo), e pelos gêneros de vida que ela faz nascer (o dos padres ou dos monges). A religião não é nunca tratada nela mesma. (CLAVAL, 1997, p.91).

Em 1967 David Edward Sopher, importante figura intelectual no contexto da geografia da religião estadunidense, com a obra *Geography of Religions*, fala que a Geografia não comporta a experiência religiosa pessoal; mas pode estudar a Religião como um sistema organizado e moldado culturalmente, e também, como comportamento institucionalizado (SOPHER, 1967, p.01). Nesses termos, Sopher procura tratar a religião dentro de uma estrutura de quatro temas geográficos culturais:

Considered in turn are (1) the significance of the environmental setting for the evolution of religious systems and particular religious institutions; (2) the way religious systems and institutions modify their environment; (3) the different ways whereby religious systems occupy and organize segments of earth space; (4) the geographic distribution of religions and the way religious systems spread and interact with each other. (SOPHER, 1967, p.02)¹³.

Estas primeiras abordagens mais contundentes sobre a religião, pela geografia moderna – com Fickeler, Deffontaines e Sopher –, revelam uma maneira tradicional de encarar o fato religioso; em que se dava grande relevância às características visíveis do fenômeno – cultura material – sendo na maioria das vezes uma descrição formal dos lugares, ritos, manifestações e práticas religiosas em seu viés mais formal (institucional) do que cotidiano. Frangelli (2010, p.33) ao mencionar alguns estudos de Rosendahl (2006) nos lembra que os autores desta abordagem mais tradicional da geografia da religião, devido aos paradigmas da época, eram unânimes em ressaltar que o conteúdo teológico-filosófico das religiões por si só não forneceriam base para uma análise geográfica rigorosa. Tal concepção nas décadas seguintes tenderia a uma mudanca.

A partir da segunda metade do século XX, anos 60, 70 e 80, ocorre um florescimento de uma fenomenologia religiosa – sob o prisma humanista-cultural. Nisto, evidencia-se por parte de alguns geógrafos como E. Isaac, Anne Buttimer e Yi-fu Tuan uma preocupação com a natureza da experiência

. .

^{13 &}quot;Considerados por sua vez são: (1) o significado do cenário ambiental para a evolução dos sistemas religiosos e instituições religiosas particulares; (2) a maneira que sistemas e instituições religiosas modificam seus ambientes; (3) as diferentes maneiras por onde sistemas religiosos ocupam e organizam segmentos do espaço terrestre; (4) a distribuição geográfica das religiões e a maneira de dispersão de sistemas religiosos e a interação de um com o outro." (Tradução nossa).

www.geografia.ufpr.br/raega/ ISSN: 2177-2738

religiosa.¹⁴ Esse novo prisma, de uma geografia humanista-cultural, tornou-se um dos caminhos por onde a Geografia buscou romper o preconceito – no âmbito do positivismo lógico e do estruturalismo marxista – com o tema religião. Pois, enquanto a Geografia esteve sob influência destes dois matizes filosóficos, houve uma estagnação no estudo do fenômeno religioso (GIL FILHO, 2007, p.209).

Enquanto alguns paradigmas fizeram certo desfavor à Geografia da Religião outros movimentos epistemológicos, pelo contrário, auxiliaram o pensamento geográfico num resgate das discussões sobre religião de forma mais profunda. Em recentes décadas dois movimentos teórico-epistemológicos que abarcaram as Ciências Sociais tem se mostrado extremamente influentes na Geografia Humana, principalmente na Cultural. Alguns intelectuais falam de novos paradigmas, outros apenas de tendência, mas o fato é que a "Virada Cultural" e a "Virada Linguística" têm se mostrado como alternativas eficazes aos paradigmas vigentes — ao passo que demonstram ser também atrativas e influentes nas discussões atuais. Estas formas de abordagem da realidade, que se destacaram em meados das décadas de 1980-90, impulsionaram estudos cuja temática religião não mais era vista de maneira subalterna.

Muito em virtude dessas novas perspectivas teóricas, na década de 1990 e início do século XXI, há uma retomada nos estudos da religião pela

^{4 1}

¹⁴ Usarski (2007) nos mostra que, aliada a esta 'tendência', nos desdobramentos teóricos da geografia da religião também se fez presente, mas com pouca intensidade, a perspectiva da "geoteologia" (THOMA, 1970), ou "geopiedade" (TUAN, 1976), ou ainda "geografia mítica" (SINGH e KHAN, 1999) (apud USARSKI, 2007, p.179); que apontavam para conceitos espaciais construídos dentro de perspectivas doutrinárias específicas – como idéias, noções espaciais e raciocínios geográficos oriundos do pensamento de determinadas tradições religiosas.

¹⁵ Conhecida como *cultural tum* (virada cultural) esta forma de abordagem (movimento científico) teve início dentro da etnologia nas décadas de 1960-70; não se restringindo a ela, foi pulverizado nas Ciências Sociais. Uma das características principais da "virada cultural" foi colocar a cultura como um importante, se não o principal, fator explicativo dos fenômenos sociais; dando a ela a mesma importância, na dinâmica social, quanto fora dado à economia e à política (WARF, 2006, p.26). Em suas discussões propunha novas e mais abrangentes conceituações à noção de cultura e também demarcava fortemente uma dimensão não-material da cultura (KUHLKÉ, 2006, p.79).

¹⁶ Segundo Sahr (2006) a Virada Lingüística difundiu-se nas ciências sociais nos anos de 1970; deixando

Segundo Sahr (2006) a Virada Lingüística difundiu-se nas ciências sociais nos anos de 1970; deixando sua marca destacadamente em duas vertentes da Geografia Humana: na Humanista-cultural e na Crítica – principalmente no ambiente discursivo de língua inglesa. Basicamente, a "virada lingüística" se constituiu em um destaque dado à linguagem nas produções humanas; visto que por ela manifestar-seiam as representações de uma dada cultura. Com isso, os sentidos dos textos e dos espaços começaram a ser fontes de investigações geográficas. A paisagem é vista como texto a ser lido e interpretado, nas literaturas evoca-se as relações sócio-espaciais, e teóricos versados na lingüística são utilizados como fontes epistemológicas (STADELBAUER, 2009).

Geografia. No âmbito internacional, diversos trabalhos procuraram novamente recolocar a religião na agenda das discussões geográficas – como os de Chris Park (1994; 2004) e os de Lily Kong (1990; 2010), por exemplo.

Segundo Park (2004), de maneira geral, ainda hoje, duas formas de aproximações são utilizadas para os estudos da Geografia e Religião. Uma é a *Geografia Religiosa*, que explora o papel da teologia e da cosmologia na constituição do entendimento do universo. A outra é uma *Geografia da Religião*, que não busca a religião em si, mas as muitas maneiras em que ela se expressa; mostrando-a como uma instituição humana. É neste viés que se explora os impactos social, ambiental e cultural. Ainda, Park (1994, p.22-24) diagnostica que os trabalhos atuais geralmente são conduzidos por dois paradigmas específicos: o *modernismo* e o *pós-modernismo*; em que o primeiro estaria voltado mais para as discussões da geografia humanista-cultural e o segundo, relativamente, mais próximo da *new cultural geography*.

A professora Lily Kong (2010) nos informa que nas últimas décadas, principalmente neste início de século XXI, a geografia da religião tem se mostrado como um grande mote dos debates geográficos. Segundo a referida autora, as grandes mudanças ocorridas no cenário hodierno, como a crescente urbanização e desigualdade social, a degradação ambiental, o envelhecimento populacional e o aumento das mobilidades humanas, produziram contextos em que as dinâmicas religiosas não são apenas coadjuvantes na trama, mas sim na maioria dos casos protagonistas. Isso faz com que cada vez mais geógrafos trilhem os caminhos da geografia da religião¹⁷.

_

¹⁷ Segundo Peach (2002, apud KONG, 2010, p.01) as investigações geográficas sobre a sociedade teriam na primeira década do século XXI uma nova área para pesquisas: a religião. "Na verdade, Peach (2006) acredita que a religião pode ser agora 'a variável mais importante para investigação sócio-geográfica, mais que raça ou etnicidade" (KONG, 2010, p.02, tradução nossa). Vendo como a dinâmica social está fortemente entrelaçada aos ditames religiosos e como na atualidade os estudos sociais parecem abrir um maior espaço para a questão religiosa, o que coloca em evidência os estudos da geografia da religião, a professora Lily Kong indaga: "O estudo geográfico da religião finalmente chegou?" (KONG, 2010, p.02, tradução nossa). Sua indagação está ensejando duas questões: a) o grande movimento dos geógrafos da religião na última década; e b) que encontrando terreno fértil no bojo das mudanças globais e teóricas firmaram suas pesquisas.

Geografia da Religião, discussões internacionais nos contextos (norte)americano e europeu

www.geografia.ufpr.br/raega/

ISSN: 2177-2738

Focando em dois contextos internacionais mais pontualmente, tanto os estudos da Geografia da Religião (norte)americana como europeia, apesar das inevitáveis ligações e influências, desenvolveram trabalhos com vieses peculiares às suas próprias dinâmicas sociais e religiosas.

Conforme levantamento feito por Stoddard e Prorok (2004) a Geografia da Religião, com foco no contexto (norte)americano, apresenta seus trabalhos construídos sob três principais ênfases: estudos do impacto da religião; estudos de distribuição da religião; e, estudos geográficos dos fenômenos religiosos.

A primeira perspectiva procura comunicar que crenças e práticas religiosas influenciam os ambientes naturais; bem como também suas próprias localizações e características especificamente econômicas, políticas, culturais, etc. Geralmente essas pesquisas querem demonstrar o potencial de impacto que a religião exerce no contexto ambiental e social. Exemplos desses estudos evidenciam a influência da religião na distribuição urbana e dos assentamentos agrícolas. Nessa mesma perspectiva, geógrafos da religião possuem uma longa tradição em estudar o papel das crenças e comportamentos religiosos na formação das paisagens culturais; e como a pluralidade religiosa é estruturalmente importante nas paisagens urbanas. Recentemente esta tendência acrescentou aos seus estudos pesquisas sobre o papel da religião na composição de crenças, valores e atitudes para com a questão ambiental. (STODDARD e PROROK, 2004, p.761).

A segunda perspectiva (norte)americana, estudos de distribuição, trabalha principalmente com dados de filiação religiosa; demonstrando numericamente as proporções populacionais das religiões. Na maior parte das vezes organizam suas produções nos chamados "atlas ou enciclopédias de filiação religiosa". Atualmente suas pesquisas estão estreitamente ligadas às novas tecnologias cartográficas, que facilitam a organização e visualização dos dados. Embora extremamente importantes tais estudos carecem de análises

mais profundas. Visto que na maioria das pesquisas esta abordagem não possui um fim em si mesmo, continua sendo um importante recurso, porém complementar nos estudos sobre religião. (STODDARD e PROROK, 2004, p.761-62).

A terceira perspectiva dos trabalhos de geografia da religião (norte)americana, estudos geográficos dos fenômenos religiosos, agrupa pesquisas que querem entender e explicar as variações espaciais nas populações, feições e atividades tidas como religiosas. Nesse sentido, muitos estudos exploram fatores associados ao pertencimento a organizações religiosas; e outros, procuram nas construções e feições religiosas questões geográficas capazes de clarificar o referido fenômeno. Tais pesquisas desenvolvem também estudos voltados a uma parte significativa das estruturas institucionais, àquelas motivadas pelo fenômeno religioso, como escolas, cemitérios, etc., que de uma forma ou de outra estão ligadas à dinâmica das organizações religiosas. Dentro das temáticas dessa terceira perspectiva, atualmente uma grande atenção tem sido dada à questão dos lugares sagrados; pois além de contarem com uma dinâmica interna peculiar, geralmente submetida aos ditames de uma crença, desenvolvem certo poder de atração – que leva a formação de rotas de peregrinação. A intenção original desses trabalhos é compreender as relações espaciais do fenômeno religioso na interação social. (STODDARD e PROROK, 2004, p.763).

Com diferenças significativas, em relação ao cenário (norte)americano, no contexto europeu (incluindo também sua parte oriental e sudeste), conforme apresentado por Henkel (2005), podemos verificar que mesmo sob a tese da secularização¹⁸, muito influente no referido contexto, a religião esteve presente nos estudos geográficos nas décadas passadas; e atualmente, sob a tendência

_

¹⁸ Com base nas idéias do sociólogo alemão Max Weber (1864-1920), que pressentia que o processo desencadeado pelo Iluminismo Europeu culminaria no deslocamento da religião da sua posição central na dinâmica social, a tese da secularização parte da noção de que o desenvolvimento da sociedade européia ocidental, com seu "racionalismo ocidental", levaria a um desencantamento do mundo e que com o passar do tempo isto extinguiria a religião – sendo este o "irreversível processo de secularização". (HENKEL, 2005, p.6).

da "individualização"¹⁹, continua apresentando-se com vigor. (HENKEL, 2005, p.7-8).

Nesse sentido, duas perspectivas de estudos dentro da geografia da religião européia, principalmente no contexto da geografia social, têm se feito notórias: a "concret studies", voltada principalmente para a dinâmica empírica; e, a "post-modern studies", que se atem mais nos sentidos. (HENKEL, 2005, p13).

A primeira aborda o fenômeno religioso de maneira mais "rígida"; são estudos concretos que se aproximam de pesquisas sócio-religiosas empíricas (abordagens típicas de uma "tradicional geografia social") e que se dedicam a dar uma interpretação sócio-histórica às paisagens religiosas, procurando evidenciar suas marcas e mudanças materiais no espaço/paisagem – de maneira especial nas estruturas espaciais das instituições –; também investigam as ligações entre os hábitos e estilos de vida religiosos e o comportamento político e econômico, sempre procurando dar uma conotação mais social em seus estudos. (HENKEL, 2005, p13).

A segunda perspectiva refere-se aos estudos de caráter pós-moderno, estreitamente vinculados a chamada *new cultural geography*; esta abordagem busca decifrar o significado das diversas construções religiosas com relação à formação da identidade e comportamento espacial dos fiéis; procura dessa maneira tratar a religião em sua base de sentido, objetivando, por sua vez, identificar o significado simbólico de paisagens e manifestações religiosas. (HENKEL, 2005, p.13).

Geografia da Religião, sua dinâmica atual no Brasil

Assim como as dinâmicas (norte)americana e europeia que atualmente possuem estudos em Geografia da Religião com características específicas e relativamente distintas, no Brasil os trabalhos nessa subárea geográfica

-

¹⁹ Em termos gerais, a tese da individualização implica que o processo de modernização levaria a um cessar da religião na esfera pública; passando a religião a atuar em nichos privados – individuais. (HENKEL, 2005, p.9).

também contam com suas particularidades. Apesar das inestimáveis influências de ambos os contextos, (norte)americano e europeu – em seu viés tradicional e atual –, a dinâmica brasileira construiu uma abordagem diferencial. Não sendo monolítica, a Geografia da Religião no contexto brasileiro apresenta discussões teóricas e abordagens que passam, mormente, por dois vieses distintos; representados principalmente por dois centros institucionais, bem como por seus mentores: o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, liderado pela professora Zeny Rosendahl; e, o Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER-Curitiba) e o Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião (NUPPER), ambos ligados à Universidade Federal do Paraná e representados pelo professor Sylvio Fausto Gil Filho.

No editorial da Revista de Estudos da Religião²⁰ de junho de 2009, sobre Geografia da Religião, Gil Filho (2009a) ao comentar sobre as perspectivas e abordagens dessa subdisciplina geográfica nos informa que o renascimento experimentado pela Geografia da Religião, ocorrido no contexto do debate entre os geógrafos brasileiros no início do século XXI, foi em grande parte impulsionado pela "virada cultural" e pela "virada linguística" que se deram no movimento da Nova Geografia Cultural no Brasil. E que a partir desse renascimento os dois vieses, referidos acima, ficaram evidentes:

Atualmente, algumas tendências são discerníveis na Geografia da Religião: parte dos geógrafos a considera como tema da Geografia Cultural e se concentra nas abordagens geradas no interior da própria disciplina; outros pendem mais para uma autonomia como subdisciplina da Geografia Humana com métodos e abordagens próprias, em um diálogo maior com outras disciplinas que pesquisam o fenômeno religioso. (GIL FILHO, 2009a).

Estas duas tendências, que vêm ocorrendo especificamente nas pesquisas geográficas sobre religião no Brasil, acabam por evidenciar respectivamente duas perspectivas teóricas distintas²¹: uma que "busca"

_

perspectiva teórico-epistemológica da Geografia da Religião no Brasil – oriunda de estudiosos da Ciência

A "Revista de Estudos da Religião (REVER)" é uma Publicação Eletrônica do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP.
 Cabe ainda mencionar que já ocorrem iniciativas com vistas à construção de uma "possível" terceira

apreender as manifestações espaciais do fenômeno religioso a partir das formas religiosas já impressas na paisagem"; e outra que "busca compreender as manifestações religiosas partindo das dimensões estruturantes e do caráter fenomenológico e, posteriormente, das estruturas estruturadas da religião" (SILVA e GIL FILHO, 2009, p.76), respectivamente com os trabalhos de Zeny Rosendahl (1999a, por exemplo) e Sylvio Fausto Gil Filho (2008).

Ao centrar suas abordagens nos reflexos espaciais visíveis da religião, Rosendahl procura conciliar a acepção mais mística do fenômeno – entendido pela autora como noção de sagrado e este como projeção cultural – com sua aparição à dinâmica social; proporcionando uma geografia da religião ocupada em decifrar as aparições do sagrado: "Deste modo podemos definir o estudo geográfico da religião, como nos diz Rosendahl (1994, 1996 [2002]), como um estudo voltado para a compreensão da manifestação espacial do sagrado" (FRANGELLI, 2010, p.34)²².

Com base nas propostas de Mircea Eliade ([1959] 1992) Rosendahl se apropria da dicotomia sagrado-profano para construir sua abordagem geográfica:

De imediato reconhece-se a dicotomia que existe entre os termos [sagrado e profano]. O sagrado se apresenta absolutamente diferente do profano, isto é, o primeiro relaciona-se a uma divindade e o segundo, não. A palavra sagrado tem o sentido de separação e definição, em manter separadas as experiências envolvendo uma divindade, de outras experiências que não envolvem, consideradas profanas. (ROSENDAHL, 1999b, p.231).

da Religião e Teologia. Embora estas áreas do saber também estejam contribuindo com a discussão geográfica sobre o fenômeno religioso (Vide o "Dossiê Geografia da Religião – nova abordagem I e II" publicado em 2010 pela *INTERAÇÕES – Cultura e Comunidade* Revista de Ciências da Religião da Faculdade Católica de Uberlândia), tal iniciativa tem aparecido com certo vigor apenas nos anos recentes; o que nos leva a não considerá-la ainda como uma "perspectiva" já estabelecida, mas sim como uma proposta – que por hora nos parece fundada mais próxima das reflexões teológicas do que das discussões geográficas, e que por isso pode realmente fundar um viés bem distinto dos outros dois citados, enriquecendo sobremaneira a Geografia da Religião brasileira.

²² A respectiva comentadora continua sua reflexão procurando esclarecer que tal "manifestação" deve ser entendida como: "uma combinação entre a motivação religiosa na criação, modificação ou destruição de determinados lócus, objetivando satisfazer um impulso religioso em produzir, reproduzir e influenciar simbolicamente certos lócus a fim de cumprir com essa necessidade de união do homem com a sua religiosidade" (FRANGELLI, 2010, p.34); com isso a comentadora suspende de forma sutil a autonomia do sagrado – autonomia esta que é característica do pensamento de Rosendahl (1997; 1999b; 2002) –, porém, mesmo assim, ratifica a ideia de que Rosendahl se vale de uma abordagem da religião a partir de formas religiosas já impressas na paisagem ao focar seu olhar primordialmente no "lócus" (e suas evidentes mudanças).

Identificando as inúmeras recorrências do fenômeno religioso no espaço – entendido como fixação/extensão – a referida autora opera suas interpretações a partir da "ação do sagrado":

Rosendahl (1994) identifica que entre os homens existe um conjunto de crenças e práticas que persistem ao longo dos tempos e que possuem uma natureza mística ou religiosa, fortemente atribuída a objetos consagrados e espacialmente delimitados, tanto em sua forma - no sentido de extensão_-, como em sua fixação - no sentido de localizados em um lócus. A partir destas observações a pesquisadora procura definir a natureza qualitativa destes lócus diferenciados pela idéia de sagrado e pela sua manifestação no espaço. (FRANGELLI, 2010, p.34).

A linha teórica desenvolvida por Rosendahl enfoca principalmente as estruturas espaciais da religião e "nessa abordagem o elemento humano aparece como um fluxo em deslocamento cuja atuação é remetida a influência exercida pela organização topológica do sagrado" (SILVA, 2010, p.39). Por esta perspectiva, o indivíduo, o fiel, ocupa um papel circunscrito dentro das estruturas – seja do sagrado ou institucional – através de uma participação passiva na trama do fenômeno religioso.

Sem dúvida, com base nas abordagens brasileiras, a proposta de Rosendahl tem sido e é de grande valia para as pesquisas geográficas. Ao focar primordialmente²³ nas aproximações geográficas das dimensões espaciais, de lócus e distância, não relegar o sujeito – embora o trate de forma mais contida –, e se edificar na amplitude da própria disciplina, a autora propõe uma maneira específica de entendimento do fenômeno analisado; priorizando alguns aspectos constitutivos da dinâmica religiosa, os mais objetivos, e deixando em segundo plano outros, mais subjetivos.

Procurando promover uma abordagem geográfica que de maior atenção aos aspectos subjetivos do fenômeno religioso, Gil Filho (2007) adverte sobre o perigo de fixarmos o respectivo fenômeno apenas nos

_

²³ Se baseando na linha teórica de Rosendahl, Frangelli (2010, p.53) assevera que "o primeiro momento de um trabalho de geografia e religião seria identificar esse lócus qualitativamente diferente, ou seja, em primeira análise é esta manifestação que objetiva os estudos dos geógrafos da religião, para após esta confirmação se desembocar na análise específica de cada pesquisa".

enquadramentos físico-espaciais, auspiciando objetivação científica, não vislumbrando os "aspectos mais íntimos e subjetivos":

Torna-se necessário preservar na análise os qualitativos que evidenciam o fenômeno religioso enquanto realidade própria da religião. Visto que em diversas abordagens há uma descaracterização da religião sob os auspícios da objetividade científica. Circunscrever o fenômeno religioso apenas em sua materialidade imediata é descurar seus aspectos mais íntimos e subjetivos. Nossa premissa é que a análise do fenômeno religioso requer uma cognição especial, uma sensibilidade as suas nuanças a fim de captar suas características mais sutis. O fenômeno religioso aparece mais nítido no plano do cotidiano. Não é suficiente que o fenômeno se apresente como matéria-prima da ciência que praticamos, é necessário penetrar nos seus sentidos últimos e compreender o que dizem. (GIL FILHO, 2007, p.212).

Corroborando com o enunciado acima, Kong (2010) incentiva os geógrafos a ir além da empiricidade-prática do fenômeno religioso; procurando, por assim dizer, compreender os sentidos da ação religiosa. Tal empreendimento por vezes pode causar certo desconforto teórico, por promover discussões de cunho mais abstrato; mas de forma alguma deve ser negligenciado pelos pesquisadores. O alerta de não se deter somente nas dimensões empíricas físico-materiais, mas ir a fundo às bases filosóficas e teológicas de certas crenças — buscando justamente captar suas características mais sutis —, pode além de garantir um conhecimento mais fidedigno da respectiva fé, aproximar tal fato religioso de outros fenômenos complexos do universo humano: como o nacionalismo ou o ambientalismo. (KONG, 2010, p.15-16).

Pensando na amplitude fenomênica da religião, a abordagem geográfica da religião pode se voltar às dinâmicas locacionais ou ritualísticas; ou pode explorar ideias além das análises geométricas e funcionais (GIL FILHO, 2004, p.253). Esta última afirmação se faz legítima, pois claramente a religião e toda sua dinamicidade estão envoltas em questões que ultrapassam os ditames espaciais – no sentido de materialidade exterior. Embora toda discussão geográfica vise, de alguma forma, esclarecer as dimensões espaciais da vida humana, isso não significa que o pesquisador necessite ater

sua investigação à dinâmica do espaço como enquadramento locacional; muito pelo contrário, a fim de alcançar um entendimento mais profundo da realidade, o geógrafo precisa partir para as instâncias estruturantes do espaço.

É dentro desse raciocínio que entendemos se constituir a segunda perspectiva teórica da geografia da religião no contexto brasileiro – característica dos recentes trabalhos de Gil Filho (2007; 2008; 2009b). Esta linha teórica propõe uma abordagem que, partindo de uma base fenomenológica das manifestações religiosas, se ocupa em grande parte das dimensões não visíveis da religião ao mesmo tempo em que destaca a ação humana na construção da sua realidade. "Presume-se que é pelo espaço de ação do fiel que se pode vislumbrar os espaços da religião, são as representações, as percepções do fiel em face do discurso religioso os estruturantes do fenômeno religioso" (SILVA, 2010, p.39).

Embora como constatado pela pesquisadora Frangelli (2010, p.58) Gil Filho tenha partido, em algumas de suas interpretações, pelas teorizações do teólogo luterano Rudolf Otto ([1917] 2007), não ficou restrito a elas, mas avançou epistemologicamente com base na Filosofia das Formas Simbólicas do filósofo alemão Ernst Cassirer; propondo uma Geografia da Religião direcionada aos mundos simbólicos (GIL FILHO, 2009b). Pela característica peculiar da filosofia de Cassirer em compreender a Religião como uma forma simbólica capaz de significar as experiências dos indivíduos, Silva (2010, p.32) nos diz que "estudos que partem dessa abordagem tendem a direcionar seu enfoque sobre a ação humana conduzida por um modo religioso de pensar e de falar o mundo".

Assim, o que vemos dentro das discussões atuais da Geografia da Religião no Brasil, superficialmente expostas acima, é o fenômeno religioso sendo abordado por diferentes prismas de análises – cada abordagem com sua importância, limites e potencialidades.

Dessa forma percebemos que a religião tem ocupado uma posição cada vez mais relevante nos estudos geográficos nacionais; porém ainda carece de uma articulação e aprofundamento maior, não se avolumando unicamente em abordagens práticas, locacionais ou funcionais; mas que as

utilize para análises das dimensões mais profundas da religião – como as realidades simbólicas e místicas.

A Geografia da Religião circunscrita a uma interpretação espacial da prática religiosa ou do conjunto de objetos religiosos da paisagem é limitada. Todavia, em seu sentido amplo, a prática religiosa se apresenta como um fenômeno da cultura humana inspirada na busca da transcendência ou imanência. A materialidade imediata da prática religiosa não é um fim em si mesmo, mas um meio inicial de compreensão da dimensão religiosa. (GIL FILHO, 2007, p.210).

Assim, entendemos que o papel preponderante da Geografia da Religião deva ser o de se ocupar com o fenômeno religioso visto como espaço de relações objetivas e subjetivas consubstanciadas em formas simbólicas mediadas pela religião (GIL FILHO, 2007, p.210). O que, em certo sentido, amplia a capacidade de compreensão do fenômeno; visto que se trata de uma Geografia da Religião que não fica limitada às formas materiais da cultura religiosa, mas que vai buscar nas estruturas estruturantes do fenômeno religioso uma compreensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, mormente na Antiguidade, a área do saber que envolvia geografia e religião foi mais propensa a ser entendida como uma espécie de "geografia religiosa"; no medievo angariando diversificação, mas também uma conotação mais Cristã Eclesiástica, passou por uma fase em que quase se confundiu com "geografia eclesiástica" ou "geografia bíblica"; já na Modernidade, ganhando ares de cientificidade, se entremeou com o geodeterminismo e floresceu como uma espécie de "geografia das religiões"; contemporaneamente, acumulando diversos temas, teorias, paradigmas e tendências filosóficas este campo do conhecimento pode ser entendido de maneira genérica como Geografia da Religião.

Ao oferecermos uma perspectiva histórica e certa contextualização à respeito da Geografia da Religião, nossa intenção foi disponibilizar um viés da

história do pensamento geográfico da religião; evidenciando um pouco do seu riquíssimo background e vigorosa articulação atual. Tendo em vista que sua diversificação não é apenas temática, mas também teórica e metodológica, definitivamente a Geografia da Religião não é um campo do conhecimento restrito a Geografia, mas sim um saber que permeia diversas áreas científicas.

Certamente esta área do conhecimento, que em nossa perspectiva deve ocupar-se não apenas com formas aparentes, mas, com aspectos profundos da experiência religiosa, é uma das importantes ferramentas de pesquisa e produção do conhecimento acerca do fenômeno religioso e da dinâmica espacial humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. Geografia Bíblica. 17ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

BÜTTNER, M. El significado de la Reforma para la nueva orientación de la Geografia en la Alemania Luterana. In: **Geocrítica**, Universidad de Barcelona, año III, n 12, 22 p., 1977. Disponível em http://www.ub.es/geocrit/geo12.htm Acesso 10/12/2009.

CASSIRER, E. Ensaio Sobre o Homem. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CLAVAL, P. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, I. E. et al (org.). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DEFFONTAINES, P. **Géographie et Religions**. Paris: Librairie Gallimard, 1948.

ELIADE, M. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FICKELER, P. Questões Fundamentais na Geografia da Religião. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, Edição comemorativa 15 anos, p. 7-35, 2008.

FRANGELLI, P. **Estudando um subcampo intelectual acadêmico**: a geografia da religião no Brasil – 1989-2009. Dissertação (Mestrado). Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro, 2010.

GIL FILHO, S. F. Por uma Geografia do Sagrado. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. 2. Ed. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

_____. Estruturas da Territorialidade Católica no Brasil. **Scripta Nova** - Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales, Universidad de Barcelona. Vol. X, nº 205, 2006.

www.geog	rafia.uf	pr.br/raega/
	ISSN:	2177-2738

Geografia da Religião: Reconstruções Teóricas sob o idealismo crítico. In: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). Da percepção e Cognição à Representação : Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007.
Espaço Sagrado : estudos em geografia da religião. Curitiba: Ibpex, 2008.
Editorial: Geografia da Religião – Perspectivas e Abordagens. Revista de Estudos da Religião - REVER , junho, ano 09, 2009a. Disponível em http://www.pucsp.br/rever/rv2_2009/editorial.htm > Acesso 06/04/2010.
Da ontologia do sagrado de Rudolf Otto ao sagrado como forma simbólica. In: JUNQUEIRA, S. (org.). O Sagrado : fundamentos e conteúdo do ensino religioso. Curitiba: lbpex, 2009b.
HENKEL, R. Geography of Religion: Rediscovering a Subdiscipline. Hrvatski Geografski Glasnik , 67/1, 2005, pp.5-25.
INTERAÇÕES – Cultura e Comunidade, Revista de Ciências da Religião/Faculdade Católica de Uberlândia. Dossiê Geografia da Religião – nova abordagem (I e II). v.5, n.7-8. Uberlândia-MG, 2010.
KONG, L. Global shifts, theoretical shifts: changing geographies of religion. Progress in Human Geography . March 2010, p.01-22.
Geography and Religion: Trends and Prospects. Progress in Human Geography , vol. 14, no 3, pp. 355-371, 1990.
KUHLKE, O. Cultural Turn. In: WARF, B. (ed.). Encyclopedia of Human Geography . Thousand Oaks/ London/ New Delhi: SAGE Publications, 2006.
MARCHI, E. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. História: Questões e Debates – O espaço do sagrado no século XXI. Curitiba: Editora UFPR, ano 22, n. 43, jul./dez. 2005, p. 33-53.
MONEY, N. K. Geografia Histórica do Mundo Bíblico . 12ª ed. São Paulo: Editora Vida, 2002.

- OTTO, R. O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- PARK, C. Sacred Worlds: an introduction to geography and religion. London: Routledge, 1994.
- _. Religion and Geography. Chapter 17 In: HINNELLS, J. (ed.). Routledge Companion to the Study of Religion. London: Routledge, 2004.
- RONIS, O. Geografia Bíblica: contribuição para o estudo de geografia histórica das terras bíblicas. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.
- ROSENDAHL, Z.. Porto das Caixas: espaço sagrado da Baixada Fluminense. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo - USP. São Paulo: 1994.

O Sagrado e o Espaço. In: CASTRO, I. E. et al (org.). Explorações geográficas: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
Hierópolis : O Sagrado e o Urbano. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999a.
O espaço, o sagrado e o profano. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Manifestações da cultura no espaço . Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999b.
Espaço e Religião : uma abordagem geográfica. 2 ed. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, [1996] 2002.
Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: V Simpósio Nacional e Internacional sobre Espaço e Cultura . Rio de Janeiro: 2006.
SAHR, W. D. Linguagem, imagem e o performativo: Um tour d'horizon na Nova

Geografia Cultural. In: **I Colóquio Nacional do NEER**. Palestra. Curitiba: UFPR, 2006. Disponível em < http://www.invencionweb.com.br/neer/mesas> Acesso 10.09.2010.

_____. Religion and Scientificism in Brazil, towards a Regional Geography of Knowledge: a Geographical Essay. **Revista de História Regional** 6(2): 43-74, 2001.

SILVA, A. S. **Religião & Espacialização**: O caso da Igreja Internacional da Graça de Deus. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Paraná – UFPR. Curitiba, 2010.

SILVA, A. S; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião a Partir das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer: Um Estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. **Revista de Estudos da Religião - REVER**, junho, ano 09, 2009, p. 73-91.

SOPHER, D. E. **Geography of Religions**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1967.

STADELBAUER, J. 'Space' and 'language' in the focus of geographical sciences. In: AUER, Peter; SZMRECSANYI, Benedikt. **Language, space, and geography**. III Workshop. Freiburg Institute for Advanced Studies, November, 2009.

STODDARD, R. H.; PROROK, C. V. Geography of Religion and Belief Systems. In: GAILE, G. L.; WILLMOTT, C. J. (ed.). **Geography in America**: at the dawn of the 21st century. New York: Oxford University Press, 2004.

USARSKI, F. A geografia da religião. In: USARSKI, F. (org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

WARF, B. Introduction. In: WARF, B. (ed.). **Encyclopedia of Human Geography**. Thousand Oaks/ London/ New Delhi: SAGE Publications, 2006.

Recebido em 04/03/2012.

Aceito em 08/10/2012.